

o cristão e a revolução

• notas

Fundação Cuidar o Futuro



1975

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Fundação Cuidar o Futuro
PRIMEIRA MINISTRA

Há dias ~~um~~ ^{professora de história} ~~uma~~ ^{mulher de} ~~uma~~ ^{vivendo em E. U. S. A.} ~~uma~~ ^{3 hrs}
 um diplomata de outro país dizia-
 -me isto: "Cabe o q̄ é esta emoção
 imensa de ter toda a vida ensinado
 o q̄ aconteceu a outros, longe no
 tempo e no espaço, e agora estar
 a viver uma coisa j̄ def. a 200
 anos ~~de~~ contará nas aulas
 de história?" E esta observação
 bastou p̄ q̄ se reacenderse em
 mim o entusiasmo. É q̄ tal,
 como muitos, th. fácil (basta
 ter uns minutos livres!) fico espec-
 tadora, namadora do q̄ ~~está~~
 acontecendo, crítica televisiva
 e constante interrupção
 deste programa improvisado)
 q̄ é a nossa revolução. E em
 momentos de bom provincianis-
 mo português (por q̄ não confer-
 cá-lo?) até com capaz de reduzir
 esta coisa grande, autêntica /



histórica \bar{q} é a revolução a
uma série ^{doméstica} de histórias
de interpretações deste ou daquele
personagem (como as várias
sucessivas dos tps revolucionários
os indivíduos contassem!).

Só a uma atitude comum sou
temperamental/aversa: não me
interessa a análise moral dos
acontecimentos, nem que tomam
indignações \bar{q} ~~transportam o código~~
das relações interpessoais \bar{p} as
forças sociais e políticas. Sou
demasiada/ e visceral/ engenheiraira
 \bar{p} ~~se~~ cometer o erro de
transportar \bar{p} a escala "industrial"
os critérios \bar{q} ~~presididos~~ respeitá-
veis na escala "laboratorial".
Ao mudar de escala, o ~~procedimento~~
químico muda de coordenadas
portanto de condicionamentos.



de vectores dominantes.

(2)

Quanto aos outros, muitos, vícios da ~~at~~ atitude passiva, toda ela exterior às coisas e aos acontecimentos reais, sinto-os por demais em cada momento fi-deles fazer agora longa e circunstanciada resenha.

Vão ficando de fora os q̄ perdem poder, privilégios, bens e senes q̄ se haviam tornado direitos. Vão ficando de fora os q̄ as ~~re~~ reformas pecuniárias liquidam, tornando-os contra ~~com~~ a intenção, alheios à revolução. Vão ficando de fora os q̄ são tomados por medo das transformações e, ainda mais, da aparente

indeterminação do processo. Vão ficando de fora os membros



da "intelligentsia" deste país
q̄ se acomodam (q̄ nos acomoda-
damos) mal e/ a ignorância
de alguns erigida em bitola
de todos, e/ a inexperiência e a
incompetência determinando
um processo de aprendizagem
q̄ outros já individual/ há
muito vinham percorrendo,
e/ a unidimensionalidade das
afirmações e dogmas.

Ora, verifica-se muitas
destas atitudes estão presentes
em grupos de cristãos e per-
gunto-me porque. O q̄ terá
transformado o sentimento
~~leve, bonito~~ ^{grande, coletivo}, todo cheio de
coisas ainda não prometidas
de Maio de 74, ~~toda a cum-~~
~~plicidade q̄ percorreu~~ neste apertado
ano e nesta crítica?



Um hábito de crítica exterior

Não estão os cristãos fora da contingência da história em q̄ vivem. Assim os q̄ de algum modo resistiram no regime anterior a 25 de Abril criaram ~~entre si~~ um certo modo de se inserirem na história e de se relacionarem entre si. Criaram uma tática de "abrir brechas", de "~~denunciar injustiças~~" ^{ao mesmo tempo,} situando-se fora do sistema e aproveitando-o para os passos limitados q̄ podiam dar em termos de iniciativas e instituições q̄ umas conscienciarissem o povo e outras respondessem às injustiças + gritumbas. Desenvolveram de ~~fi~~ ~~os~~ ~~há~~ ~~bitos~~ ~~de~~ ~~cr~~ ~~ítica~~ ~~ext~~ ~~er~~ ~~ior~~ com uma consciência de ~~cr~~ ~~ítica~~ ~~ext~~ ~~er~~ ~~ior~~ q̄ se foi acentuando à medida q̄ o regime atipia o ponto limite da tensão.



Mas não foi só isso q̄ aconteceu.
Como ~~plano de fundo~~ ^{Acompañamento} a denúncia
e a ação q̄ se queria anunciar,
havia como q̄ um tom "menor"
q̄ se traduzia nos longos comu-
liábulo sobre a situação, na
crítica pela noite adentro às
coisas q̄ óbvias não podiam
continuar a caminhar assim,
na ilusória libertação pela
palavra numa situação em
q̄ a libertação pelo ^{Futuro} ~~acção~~
de forma radical e global
nos parecia vedada.

E q̄ aconteceu após o 25 de
Abril? Uma alegria generali-
zada, uma cumplicidade
de todos p̄ construir o q̄
não sabíamos ajudar o q̄
queria, um apoio mútuo q̄
vinha de longe e de uma



Seiva evangélica longa/contida. (4)
E apenas como sinal-experi-
mentei viva/esse ílan de todos
nós na maneira como me
escreveram e falaram. Não só o
cristão q̄ habitual/convi via
mas muitos q̄ perdura de
vista desde o tempo em q̄
juntos, estudantes e operários
católicos, tinhamos querido e
lutado por um país diferente.
Tenho **Fundação Obreiro Futuro** a imensa
expectativa das pessoas de traba-
lho em q̄ a Teresa S.ª Clara
respondemos durante
1.º meses de revolução às ques-
tões fundas e sérias s/o socia-
lismo e a revolução, o seu
sentido como expressão actual
do n/ empenhamento cristão.
No entanto, as coisas
agora parecem estar diferentes.



Os cristãos estão, em muitos casos, reticentes; em alguns casos, talvez até já inhimia/ hostis. Na reticência e na hostilidade — \bar{g} têm sempre razões concretas, localizadas — vão outros encontrar pretextos p^o os considerarem "reaccionários".

Ora o \bar{g} que parece estar a acontecer é básica/ com re- torno à atitude psicológica \bar{g} descrita há pouco. Perante a máquina inexorável de um poder tanto + forte \bar{g} .

Meus localizado (e portanto + cego e contraditório) é, os cristãos retomaram, em muitos casos, o resíduo da sua atitude do tempo da resistência — voltaram ao hábito da crítica de quem "já não pode fazer mais nada".



Uma análise ^{lúcida} indispensável (5)

Resulta essa pensação em grande parte de alguns erros, omissões e logros da revolução. Julgo q̄ o q̄ é "pensação", "opinião" tem de traduzir-se em análise lúcida - análise científica e, p̄q̄ científica, sempre crítica dos seus próprios resultados. ~~A Fé põe essa exigência~~ Antes de ser uma exigência ética decorrente da Fé essa análise é uma exigência da p̄p̄ Revolução q̄ estamos fazendo. E digo bem: fazendo e não ^{apenas} consentindo ou observando. E q̄ não aceito a divisão dos portugueses em "condicionantes" e "condicionados," como já foi escrito na imprensa.



E logo após daria conta
do primeiro elemento dessa
análise — a estrutura do poder.

Eu sei q̄ em determinados
momentos o poder parece
correr todo até se enovelar,
m.^{to} confuso, m.^{to} misterioso,
nos órgãos q̄ efectiva/o
determina. Em outros momentos,
no entanto, ninguém sabe
onde está o poder. Em certo
sentido "está na rua", quer
dizer, acessível a qualquer
um, captável pela iniciativa
e pela rapidez de acção.

(Falo, claro, não no poder
de mandar, na via cívica,
mas no poder de decidir
e de optar, de ~~produzir~~ criar
experimentar.)

Faço
esta constante mobilidade
do poder, não me parece



q̄ possa aceitar-se uma q̄ (6)
omnipotência - a de saber
o q̄ é bom p: o povo, a de
distinguir entre os bons e os
maus, a de decidir unila-
teral e sem consulta.



O q̄ importa, a meu ver,
na revolução, não é contrair
essa imobilidade do poder
(pois q̄ seria a revolução sem
ela?) mas justa/salvaguar-
dar a mobilidade sem
permitir q̄ o poder nos ponha
a ~~uma vez~~ num q̄ novo
"obscurantismo" e a outros
na qualidade académica de
"iluminados". Subsidiária/
impedir essa temeridade
e resistir contra a implanta-
ção de q̄ novos caciquis-
mos, ainda q̄ alguns julguem
q̄ os democratas e os revolu-

Fundação Cuidar o Futuro



reacionários devam merecer "prêmios". E ainda + subsidiária) é lutar contra a corrupção subtil que vai criar ~~novos~~ reacionários (reacionário = "aquele cuja ^{prática} ~~comportamento~~ tende para o retorno de uma estrutura social ultrapassada" ¹) no nosso caso de exploradores e explorados ⁴ onde h'nhamos por certo encontrar revolucionários (revolucionário = "aquele cuja prática social tende p: a mudança de \bar{p} estrutura e cuja luta é realizada a todos os níveis dessa estrutura, a partir das suas contradicções internas" ¹).



¹ Jean Guichard, in Eglise, lutte de classes, Stratégies politiques, ed. du Seuil, 1972

A revolução q̄ estamos fazendo⁽⁷⁾,
pois, tem atropelado direitos
humanos fundamentais. Das
muitas já as vozes q̄ o vêm di-
zendo e a carta pastoral dos
Bispos enunciou, com preocupa-
ção, esses atropelos. Não vou,

Malgrado porém, não por isso,
tocar aqui esse ponto. Mal-
tocarei os dois que na ~~análise~~
análise q̄ faço, ~~de~~ ^{em paralelo} ~~decorrem~~
ambigüidade e indeterminação
da estrutura do poder. Chamo-
-les os logros e as omissões.

Os logros, afinal, são
cobertura um logro. Deixámos
todos apáticos, beatíficos,
que esta sociedade fosse
vista apenas em termos
de "classes trabalhadoras".
E q̄ veio a cobrir esta designa-
ção na sociedade feudal, para

citária, ~~q~~ herdáv^{am} marxialista,
Medieval, ~~q~~ herdávamos?
Passaram a chamar-se tra-
"balhadores" os ~~q~~ nunca pro-
duziram nada nem em
bens nem em serviços. ~~Estão~~
~~esta~~ a maior parte dos ~~seus~~
a demonstrar. Apropriaram-se

em desesperada tentativa de
proletarizar, da designação
de "trabalhadores". E só falta
~~q~~ os novos administradores
das empresas públicas, tão
dispensáveis como o eram os
seus antecessores, se venham
também a apelidar de "trabalha-
dores"! - Poderá perguntar-se
~~q~~ por ~~q~~ me insurjo assim...

Por várias razões das quais
não é a menor o, extremo
simplismo ideológico de tal
codificação. Mas a mais im-
portante razão é a imensa mul-



Fundação Cuidar o Futuro

tidão de todos os q resultam 8
"marginalizados" em tal processo:
todos os q durante a vida inteira
seuivam outros, sem ⁹³ contrato
de trabalho, e q hoje se vêm
longe da massa dos trabalhadores;
todos os q se encontram tem-
poraria ou ~~definitiva~~ perma-
te/diminuidos nas suas
capacidades físicas e mentais
todas as ms no seu trabalho
doméstico q ~~se~~ não é remun-
rado, a sociedade não tem
considerado como trabalho;
todas as crianças e jovens
em processo de escolarização;
e final/ os "natural/" marginais:
os artistas e os poetas... (não,
não nos reduzam th. d. "tra-
balladores" q quero poder
respirar a poesia s/ q ela tenha
resultado da "batalha de produção.")



Fundação Cuidar o Futuro

Falei H. de omissões. E p^o mim a maior omissão nestes 14 meses desta nossa revolu^{ção} é a total ausência da "melhoria da qualidade de vida". Não falo só na crise económico-política mundial e nas suas repercussões na economia nem tão pouco das espantosas ^{ridalides} ~~lutas~~ ^{profissionais} de galos, de q^{ue} a economia tem sido teatro aqui, ~~embora os~~ ~~profissionais~~ ~~de galos~~ ~~sejam~~ ~~onde~~ ~~estes~~ ~~sejam~~ ~~economistas~~ ~~de~~ ~~ta~~ ~~as~~ ~~idias~~?

Falo sobretudo de não ter melhorado o nível da alimentação, de não ter sido reduzido o consumo, a gama de produtos q^{ue} eliminasse os desperdícios, de não se ter podido ainda construir casas para as pessoas viverem como gente.



Fundação Cuidar o Futuro

de "novas vagas" audarem ⑨
a fazer auscultação das popu-
lações onde um desenvolvi-
mento comunitário estafado
e gasto já há ^{muito} reconhecera
q̄ as infra-estruturas de
equipamento colectivo são
imperativos de um Estado
e não objectivos mobilisa-
dores de uma população
alienando-a. Não passavam
do infra-humano ao li-
miar do humano; de ~~se~~
não ter^{mo} percebido q̄ a grande
batalha é a q̄ se traduz
em "fazer o serviço bem-
feito" e assim atender mo-
dos (mutua) em neces-
sidades inadiáveis; de
estarmos a desenvolver mo-

Fundação Cuidar o Futuro



crólogos dos q̄ "cabem" p: o
q̄ precisam de ser "esclareci-
dos", quando se tenta o
diálogo (como frequente/o
fazem certos programas na
TV) e p: q̄ o outro diga as
palavras q̄ seivem as lições
de moral q̄ ~~eu~~ nos vamos
dando à sombra da "nova
religião"; de não termos
coberto concebido ainda, na
nova vida concreta, pela
nova prática existencial, novos
modelos de vida em sociedade.

Outras tantas pistas gost-
ria de enunciar para q̄ as
gerações q̄ ~~fizerem~~ ^{aprenderem} esta his-
tória não venham a dizer
q̄ nos faltou "a arte e
engenho" ... Mas cu fiam
as pistas q̄ pinto, neste momento
como enunciás, na análise q̄ urge.



Uma proposta operacional (10)

Reajo à atitude de espectadora — e a própria análise a tal me obriga, por momentos. Mas urge ser a revolução, captar o seu movimento, entrar nela como num mar encafelado e deixar rebentar cada onda, ora furando-a, ora sendo arrastado consigo e/por ela.

Fundação Cuidar o Futuro

Disse há alguns anos q' o cristão não pode "sofrer" a revolução, mas antes "controlá-la", "dominá-la",... Não ^{estes} são verbos mais adequados mas com eles quero significar o estar dentro da revolução e im-primir-lhe orientação, dar-lhe conteúdo.



Não parece sofrer grande contro-
vérsia o facto de q̄ todo o pla-
queta evolui para uma forma
mais solidária de viver. Só quem
não acompanhou de perto o
movimento da conferência de
Bandung, as sucessivas UNCTAD
e finalm̄ a assembleia-geral
extraordinária da ONU em
~~faio de~~ verão de 74 imaginará
ainda possível deter o caminho
de uma nova ordem econó-
mica internacional. Certo q̄ essa
nova ordem económica não será
ainda ~~o socialismo, isto é,~~
o domínio inequívoco e sem fron-
teiras da solidariedade mas julgo
q̄ a sua construção parte de
todas as situações concretas

Fundação Cuidar o Futuro



Que curiosa, única e paradoxal
revolução esta! Aqui estou eu,
lendo relatórios, equacionando
problemas, alicercando algumas
estruturas novas, perguntan-
do-me como irei traduzir
na plataforma de futurologia
q̄ é a Unesco a procura da
via original portuguesa e como
entrosar a nossa revolução
cf as grandes revoluções em
marcha na ideia q̄ o h̄ se
far de si mesmo e ^{nova} da ~~relac̄~~
e encontra ^{estabelece} cf o mundo-coisas
e cf o mundo-gente, aqui estou
eu a julgar q̄ a revolução é
isto, ~~calor~~ no desconhecido
tentativa de dizer o ainda não
dito, de fazer o ainda mal
esboçado, simplificar extrema
de tudo no tatear do terreno
virgem — e q̄ acontece?



Fundação Cuidar o Futuro



